

Da revolução política à revolução dos costumes

Abertura

*O morro não tem vez
e o que ele fez
já foi demais
Mas olhem bem vocês
quando derem vez ao morro
toda a cidade vai cantar.*

Este samba foi composto por Tom Jobim e Vinicius de Moraes na abertura da década de 1960. Muita coisa aconteceu naqueles anos. Houve uma grande reviravolta na nossa história política e cultural. Só para lembrar, ao longo dos anos 60 tivemos cinco presidentes: Jânio Quadros, João Goulart, Castelo Branco, Costa e Silva e Médici. Entre Goulart e Castelo, um golpe de Estado inaugurou o regime militar.

Como andavam as idéias daqueles que, nesses anos, se dedicavam à arte e à cultura? Que diziam sua música, seu teatro, seu cinema? Quais eram suas preocupações? É isso o que esta aula vai mostrar.

Movimento

A arte engajada

Era no morro, como dizia a canção, que viviam aqueles que, quando tivessem vez, fariam a cidade cantar. Era hora de construir a nova sociedade revolucionária, que libertaria os oprimidos com a ajuda dos jovens estudantes e dos intelectuais. Era o tempo da **arte participante** e do **jovem engajado**. Como você sabe, **engajado** é aquele que se filia a uma causa e luta por ela. A grande causa, na época, era a de uma sociedade mais justa e igualitária.

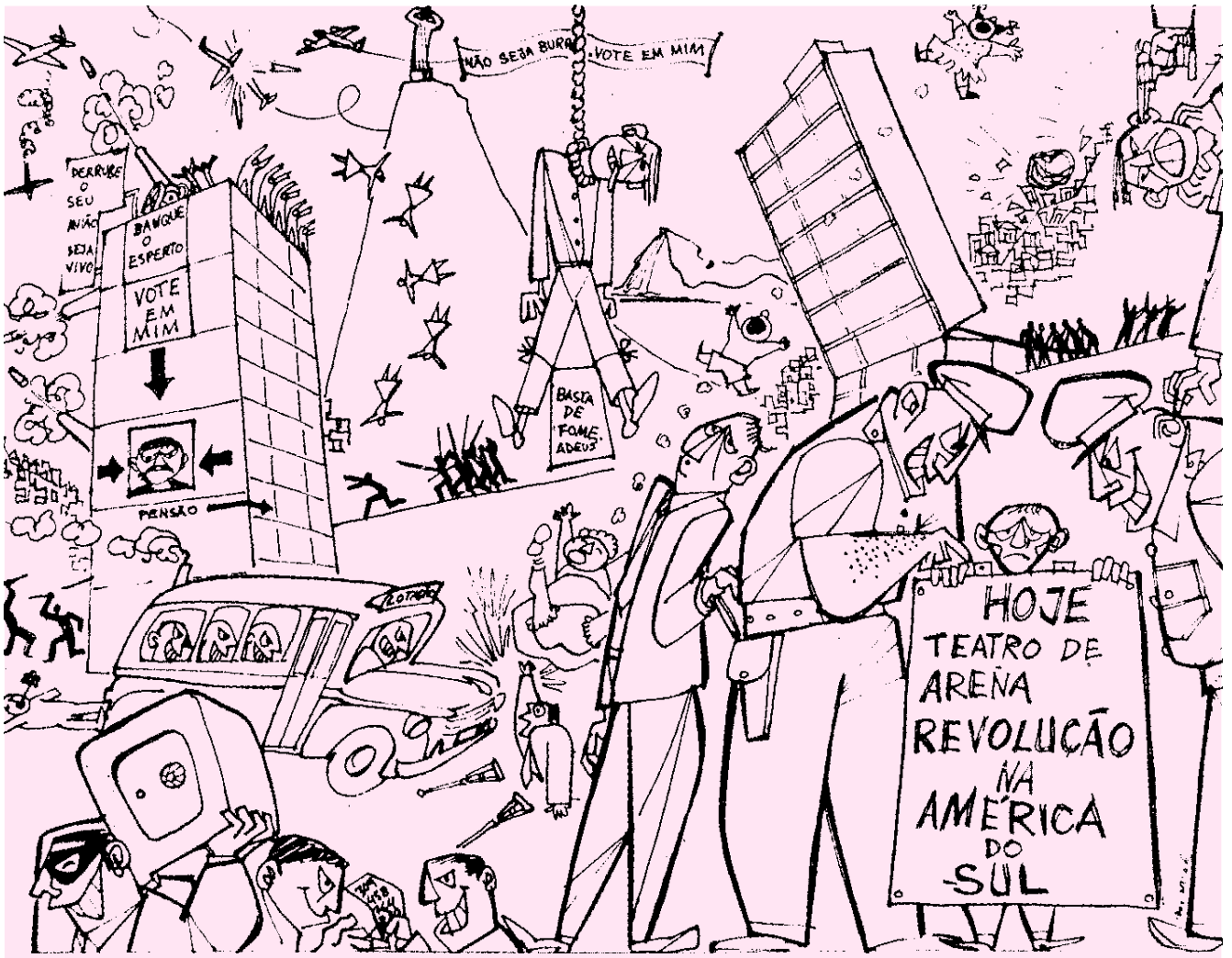
Você deve estar lembrado do jovem de 1950: rebelde, vaselina nos cabelos e jaqueta de couro. Montado na sua lambreta, ele era o **jovem transviado** que se dizia dono do seu próprio destino, desafiando a todos.

No final dos anos 50, essas idéias já não valiam mais. Agora, nos anos 60, o que valia era a imagem do jovem estudante responsável que queria mudar o país. Foi por meio da UNE (União Nacional dos Estudantes) e do CPC (Centro Popular de Cultura) que os jovens partiram para a ação política. O lema da UNE convocava: "A hora é de ação!" O trabalhador, fosse ele operário ou camponês, era o alvo principal desse projeto de "conscientização" sobre os problemas nacionais.

A educação era uma das preocupações centrais da época. Paulo Freire criou um método de baixo custo para alfabetizar adultos em 40 horas. Esse método começou a ser aplicado por todo o país com a ajuda da CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), do MEB (Movimento de Educação de Base) e do MCP (Movimento de Cultura Popular).

A campanha dizia: “Educar para libertar”. Só depois que o povo soubesse ler e escrever é que poderia lutar pelos seus direitos. Por isso era necessário alfabetizar a população de acordo com as experiências do seu dia-a-dia. Em vez de ensinar que “vovó viu a uva”, os alfabetizadores do método Paulo Freire ensinavam as palavras **casa, comida, saúde e educação**.

Para o CPC, entraram jovens como Oduvaldo Viana Filho e Leon Hirszman, que receberam o apoio de outros tantos artistas e intelectuais como Ferreira Gullar, Carlos Lyra e Arnaldo Jabor. Eles produziram peças teatrais e shows musicais, editaram livros e revistas, realizaram o filme *Cinco vezes favela* dentro do espírito do cinema-verdade.



Para o pessoal do CPC, o importante era criar uma linguagem que pudesse ser compreendida pelas camadas populares e fazer com que elas aprendessem a lutar pelos seus direitos. A idéia era despertar uma “nova consciência popular”, pela denúncia do subdesenvolvimento e do imperialismo.

O golpe de 1964 evidentemente veio mudar esse quadro. A sede da UNE foi incendiada, o CPC foi fechado e a ação dos estudantes foi dificultada.

Ilustração do programa da peça *Revolução na América do Sul* de Augusto Boal.

Mas a idéia da arte engajada não morreu ali. Ela se manteve viva no Cinema Novo, no teatro, na música. Ainda em 1964 estreou o filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Gláuber Rocha, enquanto a cantora estreada Maria Betânia soltava a voz no show *Opinião*:

*Podem me prender,
podem me bater,
podem até deixar-me sem comer,
que eu não mudo de opinião...*



Cena do filme
Deus e o Diabo na Terra do Sol.

Nem toda a juventude, porém, estava envolvida com o projeto revolucionário de mudar a sociedade brasileira. O programa *Jovem Guarda*, lançado em 1965 pela TV Record, também tinha o seu público garantido entre os jovens da classe média.

Diferentemente daquele grupo que se inspirava no regional, no sofrimento e na miséria do povo, a jovem guarda falava nos "carangos", na garota "papo firme" que era "uma brasa, mora"!

Roberto Carlos, Wanderléa e Erasmo Carlos estouravam nas paradas de sucesso com o iê-iê-iê. Em 1966, *Quero que vá tudo pro inferno* foi a música que mais tocou em todas as rádios do país. Era um outro jeito de a juventude expressar o seu sentimento de rebeldia e a vontade de quebrar alguns tabus... Na televisão, Chacrinha liderava os programas populares. Também faziam sucesso as telenovelas, como *O direito de nascer*.



Três flagrantes do programa *Jovem Guarda* da TV Record.

O tropicalismo a caminho

*Caminhando contra o vento,
sem lenço sem documento,
no sol de quase dezembro,
eu vou...
Eu abro uma Coca-Cola,
ela pensa em casamento...*

Em 1967, *Alegria, Alegria*, música de Caetano Veloso apresentada no III Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, com acompanhamento de guitarra elétrica – o que até então estava reservado à música “alienada” da Jovem Guarda –, já deixava perceber alguns traços do movimento tropicalista.

Repare só na letra. Ela mostra em rápidos *flashes* o que se passa com o personagem, as suas sensações e o seu jeito de olhar o mundo: desafio, despreocupação, despojamento, a Coca-Cola americana, a namorada que quer casar... São coisas e valores diferentes. A intenção é registrá-los, sem ensinar nada a ninguém.

Isso era o Tropicalismo. Desse movimento cultural participaram artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rogério Duprat, Hélio Oiticica, José Celso Martinez Correia e muitos outros. O público, para eles, não era mais um conjunto de pessoas que ficavam do lado de lá, só vendo e escutando o que acontecia no palco. Agora era a hora do **público participante**. O Tropicalismo lutava por uma **nova estética**, buscava um outro jeito de ser e de se expressar culturalmente. “A imaginação no poder!” “Abaixo a cultura de elite!”

O que os tropicalistas queriam dizer exatamente com essas palavras? A resposta é clara: eles eram contra a arte engajada e a estética revolucionária. Criticavam o tratamento paternalista dado ao público pelos artistas. Como acabar com a alienação, se já se dava tudo explicadinho ao povo? Se tudo já vinha explicado, o povo não podia pensar com a sua própria cabeça. Assim, a sua capacidade de imaginação e de pensamento não ia adiante.



Caetano Veloso
e Gal Costa.

Os tropicalistas também achavam que a mudança era necessária. Só que ela devia acontecer de uma outra maneira: não por meio da política, mas a partir da crítica dos comportamentos e dos costumes. Por isso eles se recusavam a ser “bons moços”, preferindo usar roupas coloridas, cabelos longos, e ter atitudes pouco convencionais.

Uma das coisas que o Tropicalismo mais criticava nos jovens revolucionários era a sua esperança exagerada no futuro. O importante era viver “o aqui e o agora”. Querer mudar o mundo, viver para a realização de um projeto futuro era considerado “carente”, coisa de gente “quadrada”, conforme a expressão da época.

O final da década de 1960 foi marcado no mundo inteiro pela rebelião da juventude. O movimento *hippie* defendia a revolução individual, criticando os valores da sociedade tecnocrata. Em vez de brigar violentamente pelas suas idéias, os *hippies* diziam: “Faça amor, não faça a guerra”!

Em maio de 1968, em Paris, os jovens levantaram barricadas nas ruas. Eles diziam coisas como: “O sonho é realidade”, “É proibido proibir”...

Em 1969, surgiu no Rio de Janeiro o jornal *O Pasquim*, no qual colaboravam jornalistas e humoristas como Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar, Paulo Francis e Henfil. Esse jornal foi muito importante na época, porque criou um novo estilo de comunicação. Seus editores conseguiam dizer o que queriam, mas não brigavam diretamente com o governo e as autoridades.

É bom lembrar que em dezembro de 1968 fora editado o AI-5, que dava ao governo controle total sobre a sociedade. Então, era muito difícil exercer o direito de crítica e a liberdade de pensamento. Tudo tinha de ser muito bem pensado antes de ser dito, pois o governo tinha o poder de censurar, proibir e reprimir.

A sociedade só podia recorrer ao poder da imaginação para escapar da censura. Por isso foi tão importante a comunicação por meio de imagens. Com humor e ironia, muitas idéias e valores foram transmitidos. Era também uma maneira de brincar com a situação política, cada vez mais tensa.

Em tempo

Veja só o que o *Jornal do Brasil* publicou no seu boletim meteorológico da primeira página no dia 14 de dezembro de 1968, quando noticiou a edição do AI-5: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. Máx.: 38°C em Brasília. Mín.: 3°C nas Laranjeiras.”

E do outro lado, na mesma página: “Ontem foi o dia dos cegos.”

Últimas palavras

Nesta aula vimos como a década de 1960 é importante para entendermos o nosso país de hoje. Vimos que amplos setores da sociedade estavam voltados para a questão da **mudança**. Os intelectuais engajados achavam que só uma revolução poderia mudar as coisas. Já o movimento tropicalista partia para a crítica de comportamentos como caminho para a mudança social. Vimos que o humor teve um papel importante na época: mesmo no interior de um regime militar autoritário e repressor, procurou burlar a censura e aliviar as tensões.

Na próxima aula, você verá que caminhos tomou a nossa vida cultural na década de 1970.

Exercícios

Exercício 1

Explique o lema da UNE nos anos 60: “A hora é de ação”.

Exercício 2

Caracterize o movimento tropicalista.